

VERDADE EM SAÚDE¹

Maria do Céu Patrão-Neves²

Convidada a intervir nestas “Jornadas de Humanização Hospitalar (Ética e Saúde)”, mais precisamente a reflectir aqui convosco sobre “o segredo do médico e o segredo profissional”, deparei-me com algumas hesitações sobre o tema restrito que deveria eleger para esta minha intervenção. Com efeito, não sou médica e na minha profissão, no universo do filosofar, não há segredos. Não o afirmo pela obsoleta pretensão ou ingenuidade de que a filosofia tem acesso a tudo o que é, que detém todo o saber (não obstante defender a sua vocação universal). Bem pelo contrário, mantenho que a filosofia do que é quase nada sabe e do que sabe quase nada se assume em certeza. O que aliás, de modo algum a desfavorece em relação a outros saberes mas tão somente a define como um saber “outro”, diferente dos demais. O seu domínio não se restringe a um conhecimento objectivo, produto da intelectualidade humana, mas exige uma profunda sapiência, em que o pensamento e a acção se combinam, a razão e a intuição se articulam, em que o sujeito é um homem, na unidade do seu ser e na totalidade da sua expressão.

Daí que o progresso da filosofia, o dilatar de uma unidade heterogénea cada vez mais integral e harmoniosa, o aperfeiçoamento desta arte de saber em que consiste o equilíbrio instável entre realidades distintas e aspectos contrários, não se realizar nunca pela supressão ou mera rejeição de qualquer elemento mas pela elaboração de consensos cada vez mais alargados, num horizonte infinito em que todos os opostos se unifi-

¹ Comunicação nas Jornadas de Humanização Hospitalar: Ética em Saúde. (O Segredo médico e o segredo profissional).

² Professora Auxiliar de Filosofia na Universidade dos Açores. Centro de Estudos de Bio-Ética.

cam na sua plena inteligibilidade. A esse "horizonte infinito" designa a filosofia por verdade e o filosofar, esta arte que faz sua, nada mais é que o desocultar, o desvelar a verdade.

Eis por que não há segredos em filosofia. Esta ocupa-se, ainda e sempre, da "verdade" e o "segredo" é posterior à "verdade". O "segredo" é, por essência, a ocultação da "verdade" (ou do que se crê ser verdade). Assim, a "verdade" manifesta-se como fundamento único e sem referência à qual o "segredo" perde sentido e se dilui na sua realidade. Em síntese, não é possível reflectirmos sobre o "segredo" sem primeiramente acedermos aos requisitos da "verdade". Falar-vos-ei, pois, hoje, aqui, sobretudo acerca da verdade.

Aliás, é precisamente avançando por esta perspectiva que a filosofia me parece poder oferecer um contributo relevante para a elucidação da problemática que aqui nos reúne, a do "segredo do médico e o segredo profissional" — constituindo este um primeiro aspecto a desenvolver. Sem dúvida que, sob um ponto de vista pragmático da prática clínica e não só, também sob uma perspectiva teórica do direito, o que nos importa analisar é a legitimidade (moral) e a legalidade (jurídica) de, por um lado, se ocultar a alguém uma verdade que lhe é relativa, por outro, desse alguém reivindicar para si aquela verdade que o outro crê possuir acerca dele (evidenciar-se-à, ao longo do trabalho, que o equívoco se gera na ideia de posse, uma vez que a verdade não é susceptível de posse — e nesta afirmação consiste, talvez, o principal contributo da filosofia). Ou seja, considerando o âmbito específico da medicina em que nos situamos, averiguar a legitimidade e a legalidade quer do médico ocultar ao paciente a verdade acerca do seu estado clínico, quer do paciente reivindicar para si o conhecimento dessa verdade. Ora, é do conhecimento comum que a actual tendência na análise da presente questão incentiva o médico a uma abertura cada vez maior ao paciente, à desocultação progressiva do seu saber perante aquele — o que, todavia, não nos elucida acerca das determinações que aí conduzem, das circunstâncias em que tal ocorre ou, de um modo mais global e autêntico, acerca da fundamentação que subjaz a esta nova atitude (que a exige, aliás, e a legitima). Eis o que a filosofia está em condições de fazer através da sua reflexão sobre a verdade, não sobre modos particulares da verdade (particulares às diversas áreas do saber e cuja validade se esgota em cada um dos domí-

nios singulares considerados), mas sobre a natureza da verdade, a verdade na sua essência específica e na sua dimensão universal.

O médico, tradicionalmente o principal protagonista na relação com o paciente (porque associado à saúde na sua relação com a doença, ao bem no seu confronto com o mal, ao poder perante a impotência), reconhece hoje no outro com quem se relaciona no exercício da sua profissão mais do que alguém que sofre sem que lhe seja dado agir (paciente). Este outro é um ser unitário em que ocorre uma disfunção que o afecta parcialmente e a que ele é o primeiro a responder como um todo, corpo e alma. O médico vem abandonando progressivamente a posição de incondicional "senhor" da verdade, de uma "verdade" construída de dados objectivos e noções operatórias, para aceder a uma outra expressão da realidade, a da subjectividade, a de uma "realidade vivida", cujo protagonista é aquele que padece (*pathos*), que sofre, sim, mas que não sofre nunca passivamente. Ele é agora reconhecido também como expressão de uma verdade complementar daquela que o médico detém.

É um novo sentido da verdade, que tem vindo a ser desocultado pela filosofia no decorrer dos séculos, que preside a estas mudanças: à mútua aproximação do médico e do doente¹, por uma maior abertura do primeiro ao segundo, tomando-o na sua totalidade, na sua dimensão psico-física e enquanto ser espiritual, e por um aprofundamento da consciência de si por parte do segundo com a sequente procura de informação. A filosofia revela-nos, pois, a "verdade" como factor de humanização -- e este é o segundo aspecto que aqui quero sublinhar.

1. A noção de verdade

Exposição sumária da evolução do sentido de "verdade"

Procuremos então, primeiramente, e de acordo com a metodologia que me propus, averiguar o que a filosofia entende por "verdade".

A noção de "verdade" foi predominantemente entendida ao longo da história da filosofia e até cerca do século XVII, e assim também de

¹ Passamos a utilizar o termo "doente", em substituição do de "paciente", e não obstante os inconvenientes desta alteração, com único intuito de ultrapassar a ideia de que o sofrimento é, pode ou dever ser passivo.

um modo geral na cultura ocidental tradicionalmente moldada pelo pensamento filosófico, como sinónimo de "realidade", daquilo que é e que como tal existe, por oposição ao "aparente", "ilusório", "irreal" ou "inexistente". Este é o sentido de "verdade" que se explicita na Antiguidade clássica através da filosofia grega, sobretudo na sua forma sistemática. "Verdade" designa, então, o que é e que permanece como é, fixo e imutável na sua realidade, realidade esta que não é apreendida pelos sentidos, mas captada pela inteligência. A "verdade" identifica-se, assim, a um só tempo, com "realidade" e "ser".

Aletheia, o termo grego para exprimir "verdade", refere-se às coisas tal qual elas são, o que, aliás, se torna necessário descobrir, desvendar, ocultas que estão sob o "véu" da aparência, do devir e da multiplicidade que a percepção dos nossos sentidos não logra ultrapassar⁴.

A noção de "verdade" com o sentido de "realidade" (verdade ontológica) virá a ser primeiramente apontada como imprópria no século XVIII, por S. Tomás de Aquino. Mais tarde, aliás, a filosofia moderna confirmará este juízo à medida que desenvolve uma perspectiva de análise crítica do conhecimento, que se inicia com Descartes, no século XVII, estabelecendo-se então uma nítida diferença entre a verdade do conhecimento e a realidade do ser em si. Deste modo, a noção de "verdade" vai-se progressivamente restringindo ao domínio do conhecimento, não obstante manter ainda na modernidade o ideal de identificação do pensamento com o seu objecto já contido, afinal, na remota compreensão grega da identidade verdade/realidade/Ser e posteriormente instituído na célebre definição escolástica da verdade como *adaequatio rei et intellectus*, ou seja, adequação da coisa, do objecto e do intelecto, do pensamento.

Para além desta forma de entendimento da verdade, os escolásticos enunciaram algumas outras correspondentes aos diferentes domínios considerados, mas em todas elas, e designadamente na perspectiva ontológica (metafísica), como na perspectiva do conhecimento, a *veritas*

⁴ Apenas como breve indicação não posso deixar de acrescentar que os gregos não se referem à "verdade" exclusivamente como "realidade" e "ser" mas também como propriedade de alguns enunciados, nomeadamente no domínio da lógica, cujo desenvolvimento nesta época foi notável.

(verdade), é definida como "adequação", "conformidade", "conveniência" entre dois aspectos considerados.

Com o idealismo, no século XVIII e a partir de Kant, acentua-se a tendência da filosofia moderna de reportar o sentido da verdade ao domínio do conhecimento, tendência esta que vinha já sendo consolidada, quer pelo racionalismo, quer pelo empirismo, não obstante as profundas diferenças entre cada uma destas correntes na definição de "verdade".

Não é, todavia, pertinente, no contexto desta minha comunicação, dedicar-me exaustivamente ou em pormenor a cada um dos diferentes modos de entender a verdade ao longo dos tempos, estudo particularmente moroso quando aplicado à época contemporânea em que as determinações acerca da verdade se multiplicam. Importa, sim, primeiramente, evidenciar a exigência dominante, também na época moderna e contemporânea, de consideração do pensamento e do objecto para a determinação da verdade. Este aspecto garante uma indispensável proximidade da verdade e da realidade, numa época em que a sua identidade há muito deixou de ser credível.

Foi esta perspectiva, fundamental no domínio do saber positivo, que contribuiu decisivamente para o progresso da ciência ao estabelecer condições para uma interação entre o homem e a natureza, num relacionamento feito de avanços e retrocessos em que ocorrem ajustamentos dinâmicos, procedimento este insustentável no domínio fixo e inerte da identidade. É ainda esta perspectiva que prevalece hoje no domínio positivo e enquanto verdade do conhecimento. Porém, é igualmente este sentido de verdade que, no nosso século, vem sendo sistematicamente ultrapassado por diversas correntes filosóficas que cada vez mais insistem em não limitar a verdade à sua dimensão positiva, entendendo-a como articulação mais ou menos formal de diferentes realidades e com uma maior ou menor capacidade operatória sobre as mesmas.

Um novo sentido de verdade

Paralelamente à indicada tendência de assimilar a verdade ao conhecimento, que se vem consolidando desde a modernidade, a actual reflexão acerca da verdade aponta para o extravasar do domínio restrito do conhecimento e para o envolvimento de todas as dimensões do humano.

A verdade, agora tomada num sentido mais amplo, deixa de ser considerada apenas como um produto objectivável da racionalidade humana no seu relacionamento com o mundo exterior; ela assume-se como relativa à apreensão que o homem tem da sua vida interior, a qual inevitavelmente interfere no olhar que ele lança para o exterior, moldando a verdade que constrói acerca de si e dos outros, da vida e do mundo. Abrange-se assim igualmente o âmbito da subjectividade, conceito que não designa aqui apenas o que se refere ao sujeito do conhecimento mas, sobretudo, o que corresponde à vida íntima do homem, ao existir do homem espiritual⁵. Com efeito, a verdade, no seu esforço por convergir com o real e também por contemplar o sujeito, veio a descobrir-se como envolvendo o homem total na sua emergência no mundo e existência temporal.

Desta sorte, a verdade descobre-se liberta dos limites formais da positividade e devolvida à vida vivida em todas as suas dimensões. Ora, neste processo não se anulam as conquistas anteriores mas antes se enriquecem pela sua integração num domínio agora alargado que também constituem. Sem dúvida que a verdade assim entendida perde rigor, mas ganha em extensão, perde operatividade, mas ganha em densidade. E, contudo, não se trata de uma outra verdade, mas da mesma, mais ampla e recebendo uma nova significação. Com efeito, importa que reconheçamos que hoje nos reportamos a dois sentidos de verdade, os quais não se sobrepõem, nem se anulam mas antes se complementam pela proximidade de alguns dos seus aspectos e, principalmente, na sua concomitante aplicação a distintas realidades: a científica e a humana.

Assim, verifica-se que a verdade mantém, no seu passado menos remoto, aliás, como no seu presente mais actual, na área das ciências, como da filosofia, um sentido não singular, mas plural. Ela procede sempre de um encontro, seja do pensamento e do objecto, seja do sujeito e

⁵ Aliás, a partir do esforço de Descartes e Kant, comum no chamar a atenção para o papel activo do sujeito do conhecimento, está inaugurada a via que conduzirá à consideração do homem na sua dimensão mais plena e na sua integral capacidade de intervenção no real. Daí à actual situação descrita foi um passo: o do reconhecimento de que o homem, na integralidade das funções e na totalidade do seu ser, não se esgota nas suas manifestações exteriores e objectivas. Há que prezar o recolhimento da exterioridade à interioridade, o enriquecimento da objectividade pela subjectividade.

do real, seja entre sujeitos, ou até de um homem consigo mesmo. No seu amplo e novo sentido⁶, a verdade emerge da intimidade do homem que se assimila ao real exterior e o assimila a si, a si próprio regressando. Este aspecto, por sua vez, vem reforçar o facto da verdade, quer assuma um sentido positivo, quer uma dimensão humanista, não poder mais existir contida em si mesma, fechada, mas permanentemente receptiva ao novo, aberta; assim também de não estar mais fixa em si mesma mas dinâmica; e por isso ainda de não ser mais um resultado ou produto acabado, mas um processo.

De um modo geral e ao longo da história, diríamos que a uma verdade inacessível (ontológica) se seguiu uma verdade operatória (positiva), surgindo agora uma verdade vivida, existencial (humana). Verdade não é apenas o que é, não é apenas o que se sabe, verdade é também o que se vive e como se vive. Em todo o caso, uma verdade constituída em si mesma e objectivada, quer para a ciência pelo seu irreprimível progresso, quer para a filosofia pela sua perspectiva alargada, não passa hoje de um mito.

No domínio das ciências, em que a formulação de cada nova verdade incentiva à revisão de conhecimentos adquiridos, e assim do que até então era tido como verdade, esta manifesta-se sempre parcial e sujeita a reformulações, mantendo, porém, a sua validade constante em cada momento em que se afirma; já no âmbito da filosofia, em que cada nova verdade envolve as restantes tornando-se mais ampla, como se se tratasse de um organismo em crescimento, ela evolui com oscilações de ritmo e mudanças de direcção, mas sem contradições, mantendo a sua significação em cada momento que se manifesta. No primeiro caso torna-se selectiva, no segundo integradora.

Ora, no forum da medicina que aqui nos reúne, o apelo à verdade deve-se fazer de modo a que ela desempenhe aqueles dois papéis porque, se por um lado se trata da aplicação de uma ciência e respectiva tecnologia, por outro, é sobre o homem que ela se aplica — o que, de ime-

⁶ Este sentido existencial da verdade não surge contemporaneamente pela primeira vez. Pelo contrário, ele é já ancestral, tornando-se inegável, por exemplo, em S. Agostinho (séc. III), decorrente da importância dada à vida interior nesta filosofia. O que efectivamente se nos apresenta agora inédito é o reconhecimento da validade deste sentido de verdade, ou seja, o assumir da vida como verdade.

diato e por si só, impede que a verdade o seja sendo objectiva e restrita ao conhecimento. Tomar em consideração apenas uma das vertentes possíveis de análise da verdade seria, afinal, falseá-la – paradoxo dos paradoxos.

2. A verdade como factor de humanização

Restringir a noção de verdade à sua conceptualização gnoseológica ou mesmo ontológica é, pois, limitá-la na sua capacidade de expressão. Desde o momento em que ela passa por um processo de interiorização e ganha a marca indelével da subjectividade, ela assume a sua inalienável dimensão antropológica. Daí que a verdade seja hoje problematizada, no forum da medicina, mais sobre uma perspectiva ética do que científica.

É sem dúvida evidente que a verdade, sob uma perspectiva científica, constitui e constituirá sempre um problema. Sujeita a sucessivas correcções dos dados adquiridos em que se baseia e a constantes complementarizações pela obtenção de novos elementos, surpreendida ainda pela ocorrência de casos singulares que desafiem o rigor das suas previsões e questionam a possibilidade dos conhecimentos que reúne, ela grangeia apesar disso e definitivamente uma confiança sempre crescente, mantendo inalterável a sua validade.

É uma vez excedendo o tradicional domínio da intelectualidade, de que a verdade sempre emergiu e a que sempre se aplicou, e ganhando uma inédita dimensão ética, ao referir-se à realidade humana na sua integralidade, que a formulação da verdade suscita maiores dificuldades. Estas radicam, em última instância, no seu actual contemplar da subjectividade e *grosso modo* podem-se formular como, a nível da fundamentação, o que é que determina a verdade como tal, ou, sob um ponto de vista pragmático, como se processa a conciliação das verdades particulares. Ora este novo sentido de verdade, não sendo de natureza racional e por isso susceptível de se tornar objectivável, nem estando sujeito a regras previamente estabelecidas, carece de outra fundamentação que não seja a da própria natureza humana no seu modo universal de ser e consubstancializa-se na adequação do pensamento e da acção individuais e nos consensos que esta gera. Ou seja, a verdade consiste no desenvolvimento e aperfeiçoamento do homem na completude do seu ser e na totalidade

das suas manifestações, correspondendo à realidade tal como esta é vivida pelo homem e manifestando-se enquanto tal na unidade do pensar agir e ser.

Não se trata, contudo, de um regresso à verdade ontológica, no sentido da sua anteriormente pretendida entidade do pensamento com a realidade em si, mas de uma plena e harmoniosa realização de cada pessoa.

É certo porém que, por esta via, se não se cai na arbitrariedade também não se evita a contingência do singular, o que só por si dificulta a combinação desta verdade sapiencial com a verdade científica que domina na área da medicina. Eis por que não é tranquila a coexistência destes dois sentidos de verdade no âmbito da medicina, no qual se joga, nada mais nada menos, do que a subsistência do homem, a sua vida. O que, por outro lado, pode favorecer esta necessária coexistência é o reconhecimento de que não é afinal apenas a vida biológica que está em causa mas a própria vida humana a qual, na sua integralidade, supera largamente a dimensão física da vida.

A consideração deste inédito sentido integral e sapiencial da verdade tem-se vindo a generalizar na nossa cultura com evidentes benefícios como sejam o fomentar de um espírito de tolerância, a afirmação do direito à diferença, o respeito pelas opções individuais, e tantas outras implicações que dele derivam. No âmbito específico e restrito da medicina, a atenção a este outro sentido da verdade vem-se traduzindo-se numa crescente necessidade e progressiva exigência do diálogo médico/doente. Este é incentivado pelo reconhecimento de que as informações que o doente presta sobre si, não só sobre a sua condição física, mas sobre o seu estado psicológico e também sobre experiências diversas da sua vida passada ou expectativas para a sua vida futura, complementam, de forma indispensável por vezes, o conhecimento que o médico adquiriu, através do seu saber e dos exames clínicos a que indicou se procedesse, acerca do estado de saúde, da esperança de recuperação e terapia conveniente para alcançar, de determinado doente.

Ora se a verdade, perspectivada de modo a englobar a sua dimensão ética, nunca o é fechada em si mesma, mas antes se adensa pela sua abertura ao que não lhe pertence e se lhe depara como estranho, paralelamente também a verdade que o médico procura construir acerca do seu doente se deve tornar receptiva ao complemento que este lhe oferece. Fi-

nalmente, é na medida em que a formulação desta nova verdade na medicina obriga a uma recíproca aproximação do médico e do doente que ela se revela um factor de humanização. E é assim também que ela assume o seu mais destacado valor que, tal como a sua natureza implicava, não é meramente gnoseológico mas essencialmente ético.

Com efeito, a construção desta nova verdade obriga o médico e o doente, simultaneamente, a assumirem-se ambos como homens que são, para além do que as respectivas e circunstanciais funções de cada um ocasionalmente determinam que sejam. A humanização dos serviços de saúde exige uma vontade convergente, se bem que diversa, tanto do médico como do doente pois, se aquele deve fazer um esforço por não se encerrar na verdade científica de que consegue dispor, o doente deverá auxiliá-lo naquela sua iniciativa promovendo-se a ele próprio através da procura de informação sobre as alterações físicas a que vai estando sujeito e da compreensão da sua nova situação. É contrariando todas as formas de ostentação do saber científico que os médicos podem evidenciar, do mesmo modo que a excessiva resignação ditada por uma acomodada ignorância que muitos doentes revelam, que se avançará definitivamente na humanização dos serviços de saúde, que se introduzirá ética nas relações que promovem a saúde, ou seja, que se ultrapassará a objectivação a que o desempenho de funções sujeita, assim fazendo prevalecer a dignidade humana de cada interveniente no processo.

O que me parece constituir um contributo importante do aprofundamento filosófico do sentido da verdade para a humanização hospitalar é a afirmação de que, tal como a verdade não pertence a qualquer posição por si só assumida, também a humanização dos serviços de saúde não compete apenas aos profissionais que os desempenham, mas também a todos os que deles necessitam e os requerem. A humanização dos serviços de saúde é uma tarefa a dois e passa por uma mudança de postura na relacionamento que implica: o médico tornou-se mais humilde e o doente mais esclarecido⁷

A verdade na medicina é assim hoje também fruto de um encontro que se gera no diálogo.

⁷ É evidente que esta análise se aplica apenas aos casos, mais frequentes, em que o doente mantém a consciência de si. A atenção aos restantes casos implicaria um outro tipo de reflexão que, todavia, não contrariaria a aqui presente.

Desta sorte, e retomando o tema do segredo que me havia sido proposto, neste novo contexto em que a verdade se formula, a noção de segredo dilui-se em si mesma uma vez que o próprio processo de descoberta da verdade é já uma forma de a partilhar. A questão do "segredo médico" acaba por se manter restringida à "verdade científica", a partir da qual aliás sempre foi problematizada, e que – já vimos – em si mesmo é insuficiente. Daí que, se o detentor dessa designada "verdade científica" dela fizer segredo, fechará igualmente a via que o pode conduzir àquela verdade mais ampla pois é na medida em que ele mostrar o que possui que poderá aceder ao que é. E é neste processo também que se tornará evidente a quantidade de informação que o outro é capaz de suportar, e o modo como é capaz de a assimilar a si. Porém, também nestes casos, em que a verdade positiva não é amplamente exposta por respeito à capacidade de assimilação do outro, a verdade, na sua mais genuína estrutura, surgirá ainda da relação que entre o médico e o doente for estabelecida. E uma verdade que assim é comum não admite segredos.